

## O RETORNO DO PRESENTE: POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA QUE NOS GARANTA UM FUTURO VIVO

AIRELY NEVES PEREIRA

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil

ADRIANE RAQUEL SANTANA DE LIMA

Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil

---

**RESUMO:** Este artigo propõe-se a pensar alternativas que possibilitem a emancipação humana por meio da educação. Diante disso, a proposta pedagógica aqui desenvolvida, que surge da investigação traçada em torno da “educação bancária”, diagnosticada por Paulo Freire, objetiva elaborar reflexões alternativas ao modelo hegemônico de educação. O método de abordagem empregado foi o dedutivo, e o de procedimento, a análise interpretativa e crítica por intermédio de pesquisa bibliográfica. Os resultados revelam a necessidade de transformações urgentes às quais o sistema educacional deve se submeter, mediante o retorno das aulas presenciais, a fim de garantir que a instituição atue como geradora de bem-estar social. Por fim, é anunciada uma educação pós-pandêmica, que possibilitaria a chegada de novos paradigmas em detrimento daqueles que herdamos da cultura ocidental moderna.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Cultura. Pandemia. Modernidade.

---

### INTRODUÇÃO

O sistema educacional tem sido determinante para o estabelecimento da sociedade tal como ela é, ou seja, opressora. Até mesmo a ausência de escolaridade influencia no destino de milhares de jovens, que por não terem uma “formação adequada”, são excluídos social e economicamente e, conseqüentemente, adentram na criminalidade por conta da condição de vulnerabilidade social a que estão expostos. No entanto, o foco dessa pesquisa diz respeito às práticas educacionais que corroboram uma formação que atende exclusivamente as demandas de um estado burguês neoliberal, que usa a vida humana e de outras espécies em benefício dos lucros de uma minoria. Diante das expectativas do mercado capitalista, o sistema educacional tem formado sujeitos que se prendem a uma rigidez disciplinar que os oprime, que impõe a transmissão de conteúdos estáticos que desconsideram as marcas socioeconômicas e culturais de cada espaço. As grades curriculares minam a possibilidade de fazer da escola um espaço libertador, pelo contrário, criam sujeitos sem autonomia e alienados sob uma ideologia que os oprime.

A imposição de uma consciência opressora, muitas vezes, faz com que os oprimidos, ao descobrirem-se oprimidos, em vez de buscar a libertação,

tendem a ser opressores também, ou subopressores. A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se “formam”. O seu ideal é,

realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja superação não lhes está clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade. (FREIRE, 2013, p. 33).

Com notável autoridade para contar a nossa história e formar os cidadãos e cidadãs do futuro, as instituições educacionais – a partir do modelo hegemônico dominado pelo capital, têm construído pessoas que sirvam à lógica do mercado de trabalho, impondo um caráter tecnicista, alienante e opressor para a formação humana, que reverbera nas relações sociais, na forma de opressões cotidianas que se instalam na cultura e impedem o levante contra as opressões estruturais que atravessam a sociedade, tal como a educação na sua forma “bancária”.

Freire (1996, p. 53) nos diz que “a educação é uma forma de intervenção no mundo”, independentemente da forma como é usada, as escolas e universidades são partes fundantes do modelo de sociedade que nos cerca, diante dos males oriundos da cultura necrófila que alimenta o opressor, o professor acima citado nos convida a experimentar o espaço educacional de outra forma, de tal modo que, em vez de aprisionar, promova a emancipação. Em *Pedagogia do Oprimido* (2013, p. 36), o filósofo da educação diz que a libertação é um parto doloroso, no entanto, longe de ser uma dor promovida pelo gosto sádico do opressor, ela representa a “superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se.” (FREIRE, 2013, p. 36-37). Esse movimento de libertação que se dá diante de uma práxis autêntica em que existe uma unidade dialética ente o subjetivo e o objetivo leva o homem a transformar o mundo, essa é a esperança que herdamos da pedagogia de Freire.

O diagnóstico que Paulo Freire faz na pedagogia do oprimido revela o caráter bancário de uma educação que está a serviço dos interesses privados do opressor. No Brasil, principalmente durante o regime militar, mas também posteriormente a esse período, instituições financeiras internacionais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional – FMI, influenciaram drasticamente nosso sistema educacional a fim de atender às demandas do processo de industrialização que foi orquestrado pela batuta do capital nos países ditos “em desenvolvimento”. O modelo de educação proporcionado por essas instituições tem como intuito apenas a formação de mão de obra, oferecendo uma diretriz tecnicista e fragmentada do saber. Os interesses do mercado privilegiam aqueles que detém o monopólio do capital, que hoje representam algo em torno de 1% da população mundial, enquanto os outros 99% são consumidos como trabalhadores – não livres – do sistema capitalista.

A educação bancária se funda sobre a hierarquização entre educadores e educandos, na qual o primeiro “conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado” (FREIRE, 2013, p. 63), essa metodologia pressupõe que os educandos são recipientes vazios, sem experiência nem saberes, e que sua função é ser preenchido pelo conteúdo narrado que o educador apresenta. Essa forma de educação anula os sujeitos, que acabam perdendo a capacidade de expressarem sua verdadeira voz por conta do silenciamento que esse meio de educar promove. Nessa forma de ensino não

existe troca, mas a imposição do conhecimento – ou normas – daqueles que dizem possuir o saber sobre aqueles que, quando comparados com as normas, são vistos como destituídos de cultura e precisam se adequar às regras da sociedade.

A mecanicidade que fomentou o surgimento dos autômatos, insígnia da era industrial, tem formado uma sociedade que é marcada por um processo de desumanização, o calor humano tem sido substituído pela frieza de uma tecnocracia que é formatada sob os moldes dos interesses dos opressores. Construir uma pedagogia que é pensada *com* os oprimidos resgata a nossa vocação natural de sermos humanos, pois a pedagogia do oprimido exige o diálogo, o contato com o mundo e com os outros, reestabelecendo assim um elo ancestral da humanidade, que é a socialização. O opressor, que atua como um parasita, cria uma consciência dual nas pessoas onde uma parte oprime e a outra é oprimida, promovendo assim a anulação do sujeito enquanto *ser mais*. Esse processo resulta no enfraquecimento das relações intersubjetivas, já que os alunos são submetidos a processos de (des)aprendizagem que os fragmentam e isolam da vivência comunitária. Essa prática tem como consequência uma formação individualista do ser humano, em que a experiência social vem sendo mascarada pelas redes “sociais” que permeiam o mundo da internet, ferramenta protagonista na ascensão do ensino remoto durante a pandemia.

Segundo o autor da *Pedagogia da Autonomia*, “a reflexão, se realmente reflexão, conduz a uma prática” (FREIRE, 2013, p. 54), essa ação intervém na realidade, podendo ser geradora de transformações, tanto no mundo quanto nos humanos, por isso a necessidade do caráter reflexivo da educação, já que constatamos a necessidade de mudanças dentro do campo educacional. “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.” (FREIRE, 2013, p. 63). Essa busca implica uma relação, e é através dela que podemos resgatar a nossa humanidade, que foi se perdendo através do enfraquecimento dos vínculos comunitários e da sua substituição pelo individualismo característico de uma cultura solitária que é patrocinada pelo capitalismo. Promover o fortalecimento dos elos que se constroem através de nossas relações é um ato de transgressão ao que vem sendo imposto pelo opressor, que é o isolamento das pessoas a fim de enfraquecer os laços comunitários e a ação coletiva.

Para o filósofo Wittgenstein (2008, p. 135): “O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas”, isso quer dizer que o mundo não se dá através da singularidade de cada coisa, mas sim através da totalidade de relações que essas coisas mantêm entre si, nesse caso, as coisas pertencem ao mundo quando conseguem se relacionar umas com as outras. Os fatos são a ligação entre uma coisa e outra, e o mundo, por ser complexo, se forma enquanto área de conexão entre as coisas, através dessa conexão, surge o “estado de coisas” que o filósofo da linguagem vê como objetos que se concatenam, como os elos de uma corrente (WITTGENSTEIN, 2008). Fora do *estado de coisas* – que é onde os objetos se tocam e coexistem, o objeto está à parte do mundo, sem poder de intervenção sobre a realidade que o circunda, como consequência, o distanciamento do *estado de coisas* tende a reduzir o objeto a uma “existência” virtual, na qual ele é somente possibilidade de ser. A lógica defendida por Wittgenstein corrobora a pedagogia defendida por Freire, que vê no diálogo, diálogo esse que exige a presença no *estado de coisas*, o caminho para uma educação que seja capaz de proporcionar uma

consciência do mundo. O concatenar dos elos da corrente comunitária, que pode ser criada dentro do ambiente educacional, representa uma alternativa necessária que pode substituir o modo de formação neoliberal.

A pandemia provocada pela Covid-19 escancarou e acentuou uma série de déficits sociais que vão além da questão de saúde pública, mas que interfere especialmente nela. O que ficou em evidência nessa crise sanitária foi a realidade social traduzida sob o conceito que Achille Mbembe chama de necropolítica, em que o poder soberano é capaz de “definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (2018, p. 41). Esse modo de governar faz com que nações ditas democráticas estejam cometendo infrações de caráter genocida há dois anos, e mesmo assim seus governantes continuam impunes. Esse sintoma se inflama em países que passaram por um recuo democrático nos últimos anos, por exemplo, o Brasil presidido por Jair Bolsonaro e o comando dos EUA, sob o domínio de Donald Trump, ambos demonstrando um perfil ditatorial de atuação. Percebe-se aí a relação próxima que é mantida entre a direita conservadora neoliberal e as práticas necropolíticas que são alimentadas por uma ideologia fascista que se sustenta a partir do patriarcado e do racismo. Além do gosto sádico – que se tornou uma modalidade cultural, que envolve essa situação, os frutos dessa barbárie têm sido a ampliação dos poderes daqueles que já eram privilegiados pelo sistema capitalista, aumentando o já exacerbado nível de desigualdade social e econômica que assola a humanidade, como apontam os dados divulgados pela Oxfam em 2021.

Enquanto uma grande massa de pessoas tem ficado na rua exposta a um vírus, que apenas no Brasil já matou mais de 600 mil pessoas antes de terminar o ano de 2021, a outra parte teve sua vida transformada pelo *home office* e o isolamento social. Enquanto a primeira teve sua saúde física e mental completamente debilitada pela escassez de recursos e a corrupção, que tem caracterizado a gestão da saúde pública no Brasil, a segunda foi reforçada a reproduzir uma cultura consumista e individual – prejudicial à saúde mental – que tem sido moldada, tendo como referência as plataformas de (des)interação social que são manipuladas para beneficiar aos interesses do dono e de seus parceiros comerciais, como é o caso do *Facebook* – detentor do *WhatsApp* e *Instagram* – e o escândalo envolvendo a *Cambridge Analytica*, empresa que teve acesso a dados pessoais de pessoas cadastradas na plataforma *Facebook* e com eles conseguiram criar comunicações estratégicas – *fake news* – a fim de favorecer os candidatos que pagaram por seus “serviços”. Além do tráfico de dados, houve a dispersão massiva de notícias falsas, que foram propagadas por essas mesmas “redes sociais”, e não houve a devida responsabilização da gestão empresarial que deixou isso ocorrer, trazendo como consequências para a sociedade a retomada antidemocrática e o negacionismo científico perante a pandemia que tem dificultado a contenção do vírus.

Pensar um formato educacional para a retomada das aulas presenciais requer o entrelaçamento de múltiplos fatores. Os discentes que atravessarem a pandemia chegarão ao ambiente escolar marcados por sequelas sociais devastadoras que se refletem diretamente na saúde mental dos estudantes. Diante disso, devemos pensar em práticas educacionais que estejam atreladas ao fomento do bem-estar da comunidade escolar e/ou acadêmica. Aderir a práticas de interação social

desemparedadas, estimular a práxis, renunciar ao método avaliativo convencional, flexibilizar a rigidez disciplinar e engajar uma contracultura que valorize a vida são ações urgentes que o sistema educacional deve praticar. Estamos chegando no limiar que nos aproxima do fim ou de uma transformação, condição que é trazida pela crise climática. Reformular as nossas práticas educacionais em prol da vida quer dizer que não corroboramos as demandas do capitalismo, que é o maior responsável pelo adoecimento generalizado que vem atacando a humanidade. Portanto, precisamos de uma educação radicalmente anticapitalista, tanto no setor econômico e científico como no social, mas, especialmente, no cultural. Traçando o percurso metodológico proposto pelo filósofo da ciência Karl Popper (1975, p. 321), em que a ciência é constituída de uma parte teórica e de uma parte prática, onde a primeira consiste em uma explicação (dedução lógica) e a última em previsão (aplicação técnica), delinearei como o racionalismo clássico canonizado pela modernidade entrou em crise e quais são as possibilidades para a prática de uma educação emancipadora. Por fim, somos tomados por uma dose de esperança que nos faz vislumbrar o retorno de um presente que seja marcado pela vida.

## DESENVOLVIMENTO

A modernidade europeia, que recebe esse nome por pretender ser um novo tempo, traz consigo marcas de um dualismo que tem na sua origem a distinção entre o mundo sensível e a razão. Nesses polos, aparentemente opostos, sendo a razão detentora da “verdade” e a sensibilidade portadora do “engano”, foi privilegiada a racionalidade, mãe de toda técnica ascendida após a primeira revolução industrial. Entre o uno e o múltiplo, surgiu outro paradoxo acoplado, ao mesmo tempo que o sistema de produção capitalista fragmentou tanto o conhecimento quanto o trabalho; no campo político e econômico, as instituições de poder colocaram em voga a poderosa ideologia da globalização, que pretende unificar ao redor do globo todo o seu sistema, que está intimamente entrelaçado com os interesses do capitalismo.

A fragmentação e o isolamento das partes provocam nas pessoas, que passam por esse sistema, a incapacidade de articularem as múltiplas dimensões da realidade. O formato educacional gerido e imposto pelo Estado Moderno se baseia sobre esse paradigma, como consequência, temos o impedimento do fluxo das informações entre as disciplinas por conta das grades curriculares, que tem um nome apropriado para a função que exerce. No campo da produção em massa, a classe trabalhadora começou a experimentar o estilo de vida fabril, caracterizado pela segregação, mecanização e repetição, que se tornou regra a partir do século XVIII por causa do êxodo rural provocado pela industrialização. Dentro desse processo, foi perdido o contato com a artesanaria e o ato de reflexão ficou praticamente inexistente.

Com a evolução do sistema capitalista, que hoje atua sob o formato neoliberal, as condições acima expostas invadiram e se apropriaram do processo de subjetivação dos indivíduos, tornando-os ovelhas dóceis para seus pastores, como aponta Michael Foucault (2014) no seu diagnóstico da biopolítica. A ideologia hegemônica procura romper não apenas os laços sociais, mas deixa os próprios sujeitos à mercê de uma fragmentação de si mesmos, em que não conseguem articular os vários aspectos da sua humanidade. Como consequência, vivenciamos hoje uma cultura altamente

individualista, arraigada nos ideais de sucesso que o dinheiro propõe oferecer e desconectada dos interesses coletivos.

Com isso, o modelo educacional vigente, caracterizado pelo seu formato bancário, no qual o aluno é um recipiente vazio pronto para ter introjetadas em si as normas e utilidades exigidas pelo mercado de trabalho, precisa ser urgentemente reformulado. Muitos motivos nos levam a essa necessidade de mudança, mas destacarei para este artigo os seguintes pontos: a crise climática, que na contemporaneidade é um produto do capitalismo, o racismo e o machismo, que reproduzem e perpetuam as relações de poder que coloca um na posição de senhor e o outro na de servo, abrindo brechas para os mais perversos tipos de exploração, a LGBTQIfobia que reprime a pulsão que temos em transgredir as identidades que nos foram impostas e o capacitismo que impõe um padrão de “normalidade” ao corpo, mesmo sendo um padrão excludente.

#### SÉCULO XX: A CRISE DA LÓGICA CLÁSSICA

A modernidade entrou em crise, ainda no século XX a lógica clássica teve suas estruturas abaladas, e o que parecia ser certo começa a ser questionado. Nesse momento histórico, os movimentos de Newton não serviam mais para compreender os recém-descobertos níveis de realidade que até então passavam despercebidos para os nossos olhos. Segundo a lógica clássica, o elemento “A”, não poderia ser “A” e “não A” ao mesmo tempo, o movimento dessa lógica é um movimento de exclusão, para fazer sobressair apenas um elemento, o elemento privilegiado. No mundo da mecânica quântica, esse paradigma é quebrado, pois segundo suas leis, existe um terceiro termo que é “A” e “não A” ao mesmo tempo, essa façanha ocorre graças ao terceiro termo “T” incluído, que foi descoberto/criado por essa nova forma de perceber o mundo (SANTOS, 2008). O terceiro excluído da lógica clássica era o responsável por bipolarizar a realidade e de quebra exaltar um polo em detrimento do outro, provocando uma rigidez que estanca até mesmo o movimento dialético, já que pressupõe a hierarquia de um sobre outro. A disposição hierárquica da sociedade e do conhecimento faz com que a base seja silenciada na medida em que o “alto escalão” tampa seus olhos diante das atrocidades que acontecem no mundo.

Ser ou não ser foi uma grande questão nos tempos de Shakespeare, hoje sabemos que existe um estado em que as coisas são e não são ao mesmo tempo, o terceiro incluído nos trouxe a um outro nível da realidade, onde a própria percepção do tempo e do espaço foram profundamente modificadas. Não por acaso, é nesse contexto que nasce a internet, um lugar que rompe as barreiras espaço-temporais que até então limitavam o nosso movimento. No mundo digital, a diferença que existe entre aqui e o outro lado do mundo equivale a um click. Podemos dizer que a excepcionalidade dessa quebra de paradigma é tão grande e profunda para a ontologia, que faz a internet parecer brinquedo de criança. A conectividade, simploriamente associada ao mundo digital, perpassa camadas muito mais profundas da realidade, esse emaranhado de partículas interconectadas capazes de relacionarem-se mesmo à distância abre algumas portas da nossa percepção diante do mundo, exigindo uma atualização do que compreendemos da realidade. O surgimento de uma ferramenta como a internet nos

coloca diante de questões que dizem respeito ao espaço e o tempo, que são categorias fundamentais para investigarmos o mundo e a nossa história.

A educação e, conseqüentemente, a ciência que precisamos para hoje não podem se desconectar das demandas socioculturais presentes no século XXI. Contudo, dissolver as grades curriculares, assim como a internet dissolveu as barreiras espaciais, não quer dizer que o conhecimento especializado (ou território de cada área científica) deva desaparecer, pelo contrário, o que devemos fazer é abrir o caminho para as relações entre as diversas áreas do saber, reconhecendo as particularidades de cada uma e sabendo que há uma distância entre elas, distância essa que pode se tornar um belo caminho dentro de uma jornada acadêmica. A linha de conexão que está entre as partes abre a possibilidade para uma formação interdisciplinar, além disso, quando passamos a considerar os múltiplos pontos de conexão, rompemos com o dualismo enrijecido herdado da era moderna. Diversidade e inclusão são dois conceitos fundantes para o estabelecimento de uma educação pós-pandêmica, pois eles são os antídotos de uma monocultura excludente.

Reconhecer a igualdade perante a nossa diversidade é o movimento dialético que precisamos exercer cotidianamente para criarmos um ambiente que garanta nosso bem-estar, logo, a cultura acadêmica e escolar deve refletir tais princípios. Esse método social rompe com a hegemonia da cultura capitalística, que produz indivíduos normalizados para articularem-se uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores e sistemas de submissão (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 22).

## EDUCAÇÃO PÓS-PANDÊMICA

O cenário no qual estamos imersos exige coragem e criatividade, a falência – ou lucro – do sistema capitalista se encontra em evidência, os modelos que por ele foram implantados requerem mudanças radicais. O contexto pandêmico, que tem acentuado as crises econômicas e sociais, explicita o caráter predatório de um sistema que precisa ser erradicado. A lógica neoliberal que tem sido imputada ao sistema educacional precisa ser extinguida das Escolas e Universidades para que elas passem a atuar como potencializadoras da capacidade de reflexão, da criatividade e da responsabilidade social. Diante disso, discutirei adiante alguns pontos que considero fundamentais para a promoção de um ensino que atenda às demandas de uma sociedade interconectada virtualmente, mas que não usufrui dessa possibilidade no campo da materialidade.

A pandemia abriu uma fissura no que experimentávamos enquanto educação, abruptamente tivemos que nos “adaptar” ao ensino à distância, que se mostrou a única via possível dado o contexto de crise sanitária que exigiu o isolamento social. Dessa forma, é uma tarefa de agora pensarmos qual é o modelo educacional que vai enredar o processo de transição entre o estado pandêmico e aquele que futuramente poderemos reconhecer como pós-pandêmico. Dada essa necessidade, elaborei algumas propostas pensadas para a Universidade Federal do Pará, mas que pode facilmente ser adaptada para outros contextos, que versam sobre uma alternativa de transição entre as aulas do período pandêmico e pós-pandêmico. Considerando os motivos que nos levam a buscar essa transformação no sistema educacional, é necessário que a instituição tenha em seu programa a oferta de diálogos transdisciplinares com uma programação em comum para toda comunidade acadêmica, o objetivo seria:

- a) Colocar sob análise os problemas urgentes que enfrentamos hoje, tais como a crise climática, desigualdade social, machismo, racismo, LGBTQIfobia, capacitismo, fome, esgotamento da biodiversidade, imperialismo, entre outros obstáculos que nos impedem de alcançar o bem-estar social.
- b) Usufruir de um espaço transdisciplinar a fim de perceber o maior número de perspectivas e assim facilitar o desenvolvimento de soluções criativas para os problemas que precisamos resolver hoje.
- c) Promover o engajamento dos membros da comunidade escolar/acadêmica enquanto atores políticos que podem transformar a realidade.

Esse ambiente de conexão presencial entre membros da comunidade escolar/acadêmica, além de buscar e construir conhecimento, precisa estabelecer um ambiente favorável para o envolvimento da alteridade no ambiente educacional, pensando nisso, é fundamental utilizar uma abordagem sensível e conectada à arte, também é necessário reduzir o consumo excessivo (patológico) de ferramentas tecnológicas para as comunicações interpessoais da comunidade, valorizando a presença e as interações no espaço físico da instituição. Quando a arte e a ciência penetram uma a outra com suas delicadas, e, ao mesmo tempo, firmes vertentes, nós sentimos o gozo que é o conhecimento, e é esse sentimento de prazer que deve passar pela cabeça dos discentes e docentes quando eles estiverem fazendo algo relacionado à Escola ou à Universidade, o prazer de descobrir e de criar. Em um momento delicado como o que estamos vivendo, em que o futuro certamente é aquele gato do Schrodinger, que não sabemos se está vivo ou morto, não é cabível enquadrarmos os alunos nas grades de um sistema que nos oprime o tempo inteiro.

O método de avaliação exercido dentro do sistema educacional cria um ambiente de competitividade, essa lógica tem uma relação íntima com o sistema capitalista, que visa criar uma arena de concorrência em todos os setores da nossa vida. Em razão do nosso contexto político, precisamos pensar formas alternativas que combatam a apatia gerada por esse sistema, sendo assim, pensamos que se abolirmos o sistema de avaliação tal como ele é hoje – chegando a atribuir o termo “insuficiente” para seres humanos que ainda estão em fase de desenvolvimento da sua personalidade – poderemos usufruir de um espaço que afete de maneira saudável a nossa mente. Acabar com a hierarquização meritocrática e promover a cooperação circular – que dispensa disputas – será um estímulo promissor para as relações interpessoais dos discentes entre si e com os professores e professoras. Devido ao que nos falta, é auspicioso angariarmos vínculos sociais, fortalecer nossas relações comunitárias e a empatia, favorecer o trabalho cooperativo e assumir a interdependência entre os seres, que, ao contrário do que prega o neoliberalismo, não são livres um do outro.

## O RETORNO DO PRESENTE

Segundo o Grupo de Trabalho da UFPA sobre o Novo Coronavírus, a possibilidade de retorno às aulas presenciais ocorrerá apenas quando a bandeira (indicador de risco epidemiológico) estiver verde ou azul. A primeira representa baixo-risco e exige um limite reduzido de pessoas por ambiente, a segunda cor corresponde



ao período pós-pandêmico, mesmo assim, as normas básicas de biossegurança quanto ao distanciamento social, ao uso de máscara e a higienização das mãos devem permanecer. O que temos hoje na literatura científica sobre a disseminação do Coronavírus é que ele se dá principalmente através das vias aéreas, dessa forma, lugares fechados, como salas de aula, tornam-se ambientes propícios para sua propagação. Em contrapartida, lugares ao ar livre contribuem para a rápida dispersão do vírus, reduzindo os riscos de contágio.

Além de contribuir com as normas de biossegurança que nosso contexto exige, o contato com a natureza traz implicações positivas para a nossa saúde física e mental, é larga a literatura científica que aponta para isso, esse contato com o mundo externo, que já estava sendo tirado de nós, aumentou drasticamente com a pandemia, acentuando os problemas relacionados à saúde mental que já eram latentes aqui no Brasil. O vírus da Covid-19 tem atuado paralelamente com problemas de escala psicológica e as crises política, econômica, ambiental, social e cultural que tem nos assolado simultaneamente, criando uma sensação de completo desamparo e incerteza em relação ao futuro, com isso, estamos fadados a enfrentar epidemias de ansiedade e depressão. Dessa forma, deve ser tarefa principal da Universidade promover não só espaços específicos de acolhimento psicológico, que também são necessários, mas criar uma cultura acadêmica que se disponha, de maneira acolhedora, ao resgate do cuidado com o outro e com a natureza, pois esse é o elo que precisamos resgatar para quebrarmos os obstáculos impostos pelo capitalismo.

Levando em consideração que as primeiras aulas presenciais serão mais seguras ao ar livre, foi elaborada uma estratégia do que seria uma educação pós-pandêmica. Devo lembrar que o modelo aqui desenvolvido se inspira no *designer* da Universidade Federal do Pará, Campus Guamá - Belém, mas isso não impede que o âmago da proposta possa ser realocado para outros contextos. Existem dois espaços, deliciosamente misturados um ao outro, que podem ser construídos, um de caráter científico e o outro de caráter artístico. Distintos conceitualmente, porém entrelaçados na práxis, a arte é a nossa possibilidade de tornar possível a humanização dentro dos espaços científico-tecnológicos. Como dito anteriormente, a modernidade privilegiou a racionalidade mecânica ao mesmo tempo que oprimiu o aspecto sensível, emotivo e sentimental do ser humano, portanto, resgatar essa parte que nos foi tirada é uma necessidade da nossa vocação natural em sermos humanos. Para a pensadora bell hooks: "O prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e a apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como os professores e alunos se sentem diante do aprender e do ensinar, diante da experiência da sala de aula." (2013, p. 21).

Para possibilitar essa experiência, a Universidade pode aderir a duas práticas. A primeira seria a do cultivo, usufruímos de um largo espaço no nosso campus, porém muitos dos nossos colegas não possuem um contato íntimo com a terra. Esse contato íntimo pode ser satisfatoriamente realizado através das ciências, em suas múltiplas vertentes. Sendo assim, a prática da agricultura deve estar presente na realidade das pessoas que a UFPA pretende formar, e é nessa prática ao ar livre, colocando mão na terra e descobrindo as suas propriedades, sejam moleculares ou privadas, que brotam dela é que será possível o diálogo transdisciplinar que favoreça o surgimento de soluções criativas. Hoje vivemos reféns da agricultura industrial que envenena não só os

nossos pratos, mas também a nossa água, o ar e a nossa terra com os agrotóxicos que são utilizados em larga escala em suas produções, além disso, desmatam florestas e promovem o extermínio de povos tradicionais da Amazônia. Reestabelecer nossa soberania alimentar e resgatar os conhecimentos ancestrais em torno das plantas e raízes medicinais que são tradicionais da Amazônia – território com a maior biodiversidade do planeta –, e destruir o imperialismo que ainda persiste em existir nos países ditos de “terceiro mundo” é o caminho a ser percorrido caso queiramos chegar a um futuro vivo.

A segunda prática seria a da colheita. A UFPA precisa ampliar urgentemente seus espaços de experimentações artísticas, qualquer pessoa que a universidade pretende formar deve, na sua experiência, ter tido contato pleno com a arte, ou seja, tanto como contemplador, quanto como produtor. Pensando nisso, vejo como necessária a construção do que, a grosso modo, chamo de “casa da cultura”. Seria um espaço que se diferenciaria primeiramente pela sua própria arquitetura, que teria o papel de sintetizar a contradição entre as paredes de uma casa e o desemparedamento necessário para uma educação pós-pandêmica. O uso dessa casa estaria destinado à livre criação, para o estímulo dela. Seriam realizadas nesse espaço, oficinas que incluíssem toda a diversidade do campo da arte, exposições de obras artísticas, provavelmente muitas delas seriam oriundas das oficinas promovidas, além disso, caberia também a realização de eventos culturais que contemplassem as artes cênicas, o audiovisual, a música, a moda, a dança, a poesia, o artesanato, entre outras formas de expressão.

Existe um objetivo para a realização dessas práticas e uma possível consequência para tal objetivo. O objetivo é fortalecer um elo que está sendo violentamente fragilizado desde quando dissociaram teoria da prática a partir de uma cultura hegemônica que é escravocrata. Essa separação foi a responsável em segregar o trabalho entre intelectual e braçal, o primeiro ficou restrito ao que hoje chamamos de grandes escritórios, que apesar de terem “grandes” nos nomes, se restringem a uma pequena parcela da humanidade, o segundo foi imposto forçosamente para a outra parcela, que corresponde à maioria, e que hoje se tornou o que chamamos de classe trabalhadora superexplorada. A alforria desse elo implica uma troca de paradigma, que perpassa pela transdisciplinaridade e pela mudança de percepção acerca do espaço-tempo, com essa mudança surge a necessidade de repensarmos o que é a história, devido ao seu entrelaçamento íntimo com o espaço-tempo. Talvez essa seja a brecha para abrirmos a caixa de Schrodinger e encontrarmos um futuro vivo.

O retorno desse elo é um grande presente para o nosso futuro, sua presença é o suficiente para erradicarmos a cultura de exclusão que sustenta o capitalismo e oprime nossos corpos e mentes. Quando o capitalismo deixar de ser sustentado, suas estruturas vão cair, e esse organismo morto vai servir de adubo para uma nova forma de vida. O nosso papel será o de sermos cultivadores, cuidar da nossa terra, das nossas florestas, da nossa biodiversidade e da nossa multiculturalidade, tudo isso experimentando as múltiplas dimensões do nosso ser e da interdependência que nos cerca. A ciência é o pilar e o propósito das instituições de ensino superior, no entanto, considerando seu caráter reflexivo, que foi analisado por Antony Giddens (1991), ela não pode se indispor

a certas transformações que deve processar. As quebras de paradigmas que ocorreram no campo da ciência no século XX, nos jogaram dentro de uma realidade que foi profundamente transformada pelas tecnologias da informação. Porém, a era da conectividade ainda está sendo marcada pelo isolamento. Virtualmente, nos vemos interconectados, mas no campo da materialidade essa prática ainda não tocou a nossa percepção.

Para trazer ao nosso nível da realidade a força do elo descoberto pela mecânica quântica e atributo do *estado de coisas* de Wittgenstein, devemos reformular não apenas o processo de construção do conhecimento, como também repensar a programação das tecnologias que são proporcionadas pela ciência. Sob o paradigma da inclusão, a segregação deve dar lugar à integração, em vez de mecanização, precisamos retomar as relações orgânicas que são fundamentais para a nossa natureza, e a repetição, que é a condição do conservadorismo, deve dar lugar para a confluência de diversidades que sempre transforma a realidade.

Esta pesquisa traçou uma investigação acerca da estrutura lógica que permite a permanência do sistema de opressão capitalista por meio da atuação da educação em seu formato bancário, o objetivo desse modelo educacional é coordenar micro e macroestruturas da sociedade a fim de manter um sistema que se constrói a partir da concentração e acúmulo de riquezas, fazendo uso da exploração excessiva do trabalho humano e da biodiversidade. Com isso, é latente a necessidade de construirmos caminhos que nos levem à emancipação humana. A educação, por ser uma ferramenta que constrói a realidade, deve ser usada a nosso favor, que somos maioria e representamos a diversidade. Revela esta investigação que nossa tarefa de agora é cultivarmos o futuro através de métodos que se adequem à preservação da natureza e garantam os direitos humanos. O retorno do presente no contexto educacional exige alternativas que possibilitem uma educação emancipadora, pois só assim garantiremos um futuro vivo.

Artigo recebido em: 30/12/2021

Aprovado para publicação em: 08/03/2022

---

THE RETURN OF THE PRESENT: POSSIBILITIES FOR AN EMANCIPATORY EDUCATION THAT GUARANTEES A LIVELY FUTURE

**ABSTRACT:** The article proposes to think about alternatives that enable human emancipation through education. In view of this, the pedagogical proposal developed here, which arises from the investigation outlined around the “banking education” diagnosed by Paulo Freire, aims to develop alternative reflections to the hegemonic model of education. The method of approach used was deductive, and the procedural one, the interpretative and critical analysis through bibliographic research. The results reveal the need for urgent changes that the educational system must undergo through the return of presential activities. The transformation that the academy must undergo upon the return of presential classes is to ensure that the institution acts as a generator of social well-being. Finally, a post-pandemic education is announced, which would allow the arrival of new paradigms to the detriment of those we inherited from modern western culture.

KEYWORDS: Education. Culture. Pandemic. Modernity.

---

EL REGRESO DEL PRESENTE: POSIBILIDADES DE UNA EDUCACIÓN EMANCIPATORIA QUE GARANTICE UN FUTURO VIVO

RESUMEN: Este artículo propone pensar alternativas que permitan la emancipación humana a través de la educación. Frente a eso, la propuesta pedagógica desarrollada aquí, surge de la investigación esbozada en torno a la “educación bancaria” diagnosticada por Paulo Freire, tiene como objetivo desarrollar reflexiones alternativas al modelo hegemónico de la educación. Los métodos de abordaje utilizados fue el deductivo, y el procedimental, así como, el interpretativo y el análisis crítico a través de la investigación bibliográfica. Los resultados revelan la necesidad de cambios urgentes que debe emprender el sistema educativo a través del regreso de las clases presenciales. Finalmente, se anuncia una educación post-pandemia, que permitiría la llegada de nuevos paradigmas en detrimento de aquellos heredados de la cultura occidental moderna.

PALABRAS CLAVE: Educación. Cultura. Pandemia. Modernidad.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução Heci Regina Candiane. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014c.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

KLEIN, J. **Interdisciplinarity**: history, theory, and practice. BD255.K54, 1990.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

PEREIRA, A. N., LIMA, A. R. S. de.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. Biopoder soberania estado de exceção política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NEVES, F (Org.). **Extensão no cotidiano da Universidade**: um exercício de interpretação ou de intervenção? Universidade Federal do Pará. Belém: Pró-Reitoria de Extensão/UFPA, 2018.

POPPER, K. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. Tradução de Milton Amado, v. 13. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SANTOS, A. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13 n. 37, jan./abr. 2008.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

---

AIRELY NEVES PEREIRA: Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Estudos voltados à educação com críticas ao modelo hegemônico e emancipação de toda e qualquer forma de opressão.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7235-3134>

E-mail: [airely.pereira.t@gmail.com](mailto:airely.pereira.t@gmail.com)

---

ADRIANE RAQUEL SANTANA DE LIMA: Doutora em Educação (Educação, Cultura e Sociedade) pela Universidade Federal do Pará - UFPA, com doutorado sanduíche na Universidad Pedagógica Nacional (Colômbia). Mestrado em Educação (Saberes Culturais e Educação da Amazônia) pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Especialista em Educação, Cultura e Organização Social pela UFPA. Licenciada Plena em Pedagogia pela UEPA.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4102-9104>

E-mail: [adriane.lima@iced.ufpa.br](mailto:adriane.lima@iced.ufpa.br)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).